O PERCEVEJO ONLINE

ISSN 2176 -7017

PERIÓDICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS PPGAC/UNIRIO

DA SOLIDEZ DOS CORPOS VOLÁTEIS

ato público e imagem holográfica na luta pela liberdade

THE STRENGTH OF VOLATILE BODIES

public act and holographic image in the struggle for freedom

Elizabeth da Motta Jacob

Elizabeth da Motta Jacob
Professora do Curso de Comunicação Social - Design, EBA e da Pós Graduação em Artes da Cena, UFRJ. Conceituou, implantou e coordenou a Pós-graduação em Direção de Arte na UNESA/RJ. Trabalha com a questão da construção da visualidade na cena expandida e suas implicações no espaço público.

Elizabeth da Motta Jacob
Professor of Social Communication Course - Design, EBA and the Post Graduate Scenic Arts, PPGAC/ UFRJ. Conceptualized, implemented and coordinated a Graduate Program on Art Direction at UNESA/RJ. She currently works with the issue of construction of visuality in the expanded scene and its implications on public space.

O PERCEVEJO ONLINE
ISSN 2176 -7017
PERIÓDICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS PPGAC/UNIRIO

RESUMO
Analisaremos neste estudo as relações entre a arte e a política no espaço urbano, através manifestação realizada na cidade de Madrid, Espanha, no dia 25 de abril de 2015. Este ato contou com manifestantes de diversos países que cederam suas imagens para a construção de uma marcha de espectros. Através da holografia o grupo No somos delito organizou sua luta contra a nova Lei de segurança cidadã que visa restringir a liberdade de expressão e manifestação política da população o que gerou uma experiência estética única através do uso desta técnica de produção de imagem.

Palavras-Chave: Espaço público, Cena Expandida, Movimentos Sociais, arte e política.

ABSTRACT
This study aims to explore the relationship between art and politics in the urban space. Analyzes the demonstration held in the city of Madrid, Spain, on 25 April 2015. This act included protesters from several countries that lent their images to the construction of a spectral march. The platform *No somos delito* organized their struggle against the new citizen security law. This aims to restrict freedom of expression and political activity of the population. The use of holography to represent the implications of the law generated a unique aesthetic experience through the use of this technique of imaging production.

Keywords: Public space, Expanded Scene, Social Movements, Art and Politics.

O PERCEVEJO ONLINE
ISSN 2176 -7017
PERIÓDICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS PPGAC/UNIRIO

DA SOLIDEZ DOS CORPOS VOLÁTEIS
ato público e imagem holográfica na luta pela liberdade

Elizabeth da Motta Jacob

A cena contemporânea é resultado de múltiplas transformações geradas por fatores intrínsecos as experimentações artísticas, a incorporação das novas tecnologias e a potência a partir destas revelado; assim como de fatores extrínsecos tais como o imbricamento com os movimentos sociais, as reações políticas o que veio a gerar resultados destas incorporações na própria experimentação.

No evento que iremos analisar *Hologramas por la Liberdad* o vínculo entre a manifestação política e a proposição artística com a promoção de uma experiência estética única é fundacional.

O fato analisado foi a ocupação da rua do Congresso Nacional, em Madrid, no dia 10 de abril de 2015 pela manifestação pública organizada pelo grupo *No somos delito* contra a Lei de segurança cidadã também conhecida como Lei Mordaça. Esta lei visa impedir manifestações públicas como as que vinham ocorrendo em toda a Espanha desde de 2011 a partir do movimento M-15 que surgiu como resposta ao impacto da crise Europeia na Espanha. Tais movimentos enfrentam a configuração do sistema capitalista globalizado que provoca crises sistemáticas cuja extensão se dá de forma ampliada e indiscriminada acentuando as discrepâncias sociais e econômicas ao mesmo tempo que tendem a fragilizar a representatividade dos sistemas do tipo democrático.

Entendemos que as manifestações políticas em espaços públicos são de origem remota, porém sua configuração, modus operandi, forma e característica de mobilização midiática e estética vem sofrendo modificações substantivas. O século XX foi palco de inúmeras manifestações promovidas por grupos ideologicamente constituídos, enquanto que o século XXI está sendo marcado pelo esgarçamento ideológico e pela mobilização de participantes através das tecnologias comunicacionais e o uso das redes sociais.

Percebe-se na atualidade que estes atos públicos não pertencem mais a uma estratégia política traçada institucionalmente e sim, cada vez mais, representam formas espontâneas, individuais e, muitas vezes, coletivas de representação de interesses. A partir do crescimento das redes sociais e outras formas de comunicação mediadas pela máquina, o compartilhamento de atos públicos realizados em diferentes regiões do mundo e sua transmissão ganham autonomia perante a orientação induzida pela mídia tradicional. Esta se define por um recorte de temas e ausências particulares

O PERCEVEJO ONLINE
ISSN 2176 -7017
PERIÓDICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS PPGAC/UNIRIO

que traduzem os interesses do poder hegemônico. A irradiação das nova mídias ora permite a diferentes agentes sociais expressar seu descontentamento com situações de diferentes tipos e impacto social.

> Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas – que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder (Castells, 2013, p.12).

A ampliação do raio de comunicação dos cidadãos, transformados em usuários das redes, gerou um sentimento de empoderamento por parte dos diferentes indivíduos diante do poder público.

> Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas formas do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo - e, quando necessário, pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada (Castells, 2013, p.12).

O fenômeno observado revela que os ambientes virtuais, ao contrário do que se chegou a pensar, são meios capazes de gerar a proximidade dentre seres e de acionar a sua participação evocando diferentes tipos de ação. Castells continua seu discurso afirmando que

> em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é constituído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora (Castells, 2013, p.20).

Esta apropriação das redes sociais e a transformação da indignação aí expressa transborda a esfera política. Inúmeras são as manifestações de cunho artístico que se apoderam do espaço público. Do mesmo modo como as manifestações políticas estão sendo integradas as mídias digitais, convocando para seus eventos, fazendo publicações simultâneas ao ato e posteriores aos mesmos, as manifestações artísticas também

consolidaram seu campo de ação nesta esfera e exploram suas múltiplas funcionalidades. Em todos os níveis da criação artística pode-se contar com as novas bases tecnológicas. Assim como o cinema já nasceu como arte híbrida, o desenvolvimento do vídeo analógico, da tecnologia digital e da holografia, inseridas no contexto da globalização, fizeram com que novas tendências artísticas surgissem e ganhassem folego próprio ao mesmo tempo que se hibridizaram com as formas de produção artística pré-existentes. Deste modo, percebe-se que o desenvolvimento tecnológico facilitou a saída das imagens em movimento dos espaços semi-públicos - como a sala de cinema- o que veio a gerar formas de projeção expandida abarcando o espaço público. Vale destacar o fato de que neste evento o desejo de expressão artística e artística são inseparáveis e nos remete a tendência da arte contemporânea em por em questão as ancoras materiais tais como o aparato cinematográfico, os suportes materiais da obra e a necessidade de sua estabilidade enquanto matéria e permanência.

A confluência dos diversos meios de produção artística, sua hibridização e sua tendência a se tornarem cada vez mais comunicacionais (Santaella, 2005) vieram a alterar a relação com o espaço público de forma cada vez mais ampliada enfatizando o fato da reprodutibilidade técnica das imagens ter alterado a paisagem urbana, o cotidiano e a sensibilidade dos homens metropolitanos (Benjamin, 2012). Na contemporaneidade as cidades tem sido o palco de todo tipo de intervenção artística tais como grafismos, pinturas, colagens, performances, projeções simples e mapeadas, hologramas, o que alterou a fisionomia das cidades. Tais eventos tem natureza, objetivos e alcance variados conforme sua capacidade de criar impacto, artístico, conceitual ou ainda político.

A partir destas intervenções o espaço urbano se transformou, o que nos remete ao fato de que este é formado pelo contexto sócio-político no qual está inscrito, se caracteriza pelo uso que lhe é dado para além dos elementos formais dos quais é constituído. Além disso, devemos considerar que a paisagem urbana é bastante diversificada e que a escolha pelos sítios onde ocorreram as manifestações não são aleatórias. Normalmente esses atos ocorrem em locais com forte poder simbólico, capazes de evocar fatos ali ocorridos, muitas vezes tem valor arquitetônico ou escultórico, ou ainda, exercem função pública e/ou política.

Para servir de palco para a manifestação que escolhemos analisar aqui, seus organizadores escolheram o Congresso já que neste grandioso edifício público ocorreria a votação da lei a qual o movimento faz oposição. Como é costume em manifestações

de caráter político era importante marcar sua posição reivindicatória diante de um local representativo do poder constituído.

A manifestação tinha como alvo a Lei Mordaça que atinge frontalmente a liberdade de expressão na medida que coíbe a realização de atos sociais e políticos em espaços públicos sejam eles reais ou virtuais, protestos sem prévia autorização, além de impedir a gravação, a fotografia e a publicação de representantes do poder público, tais como policiais e políticos, atuando. Esta lei torna também mais restritivas as regras de imigração, a regulamentação do porte de armas e prevê penalidades severas e variáveis conforme a modalidade da infração (*O Globo*, 2015). Deste modo a lei visa coibir as manifestações que vinham ocorrendo em toda Espanha desde 2011.

A manifestação contra a Lei Mordaça repercutiu nas redes sociais e na imprensa de forma ampliada dado ao caráter inovador da aplicação deste tipo de tecnologia na luta política e pela emoção estética que promoveu.

Ao pensarmos a manifestação em tela é significativo considerar que o momento histórico na qual ela se inscreve aparece como elemento constituinte da própria obra configurando a mensagem, o desejo de transformação social matriz da cena proposta e a capacidade de inscrever o espectador em um tipo particular de experiência de recepção. Tal experiência receptiva é prevista pelo movimento *No somos delito* como uma forma de conscientizar a população do impacto que a lei mordaça terá sobre as liberdades de expressão.

De acordo com matéria publicada no *The New Yorker* (2015) a conceituação deste evento se deu de modo espontâneo. Javier Urbaneja, publicitário da agencia DDB locada em Madrid, teria ficado bastante surpreendido com a proposta da Lei Mordaça ter sido aprovada em primeira votação na câmara dos deputados e pensou que ao futuro restaria manifestar-se em hologramas. Se a ideia, num primeiro momento, lhe pareceu absurda, mas tarde se tornou em mote para um protesto sem pessoas em carne e osso.

O desafio estava lançado e o publicitário contatou a empresa Garlic a fim de realizar o evento. O primeiro passo foi o desenvolvimento de um web-site e a criação de uma estratégia envolvendo empresas de comunicação e de publicidade.

O orçamento inicial era e cem mil euros, mas os organizadores conseguiram que a maioria das empresas envolvidas na realização da manifestação oferecessem de graça seus serviços pelo ineditismo da proposta e seu caráter político que gerou muita

empatia.

Após ter conseguido solucionar as questões técnicas concernentes a realização da manifestação Urbaneja contatou o grupo *No somos delito.* A organização em questão existe e é atuante na Espanha desde 2013 e tem ligações com o Greenpeace e Lawer's association. A divulgação da manifestação foi feita pela agencia de comunicação Q.M.S. mantenedora do web-site e responsável pela divulgação do evento *(The New Yorker, 2015).* Ativando as possibilidades de conexão pela internet ativistas de todo mundo puderam enviar suas vozes e imagens. Assim se deu o registro de militantes de todo o mundo. Este uso da internet foi fundamental para a criação da visualidade proposta. Percebe-se assim, que esta manifestação está inserida dentro do contexto maior da cultura contemporânea na qual os sistemas cibernéticos vem alterando a percepção, os processos indentitários assim como inscreve o corpo e sua virtualização de forma particular. A manifestação em questão atua sobre o corpo dos manifestantes transfigurando sua materialidade. Sim, pois neste ato realizado diante do Congresso dos deputados compareceram hologramas recriando uma manifestação e os porta-vozes do movimento. Estes, transfigurados, respondem as perguntas dos jornalistas holografados ao vivo e explanam sobre a Lei Mordaça que efetivamente foi aprovada em primeiro de julho de 2015 pelo Partido Popular apesar de ter tido a oposição de todos os demais partidos.

Verificamos neste procedimento de ordem estética e artística câmbios complexos na consubstancialidade de corpos determinado por um objetivo estético e político realizado a partir de um aparato técnico com alto nível de sofisticação. Estamos diante, portanto, de uma manifestação na qual as tecnologias de visualização e sonorização tem potência de transformar radicalmente a noção de passeata política bem como a fisicalidade de seus integrantes.

Se considerarmos as tecnologias de criação de imagem talvez a holografia seja a menos conhecida pelo público em geral. A nível técnico, para realização dos hologramas da manifestação foi realizada uma projeção sobre um tecido semitransparente com sete metros de extensão.

As imagens dos manifestantes foram obtidas a partir de mensagens de voz, vídeos e fotografias enviadas através do web-site por militantes de mais de cinquenta países (*El Mundo*, 2015) e combinadas em estúdio com filmagens realizadas em uma cidade próxima de Madrid, Paracuellos. Esta combinação de imagens foi importante para situar

O PERCEVEJO ONLINE
ISSN 2176 -7017
PERIÓDICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS PPGAC/UNIRIO

os hologramas no espaço de uma rua de forma a facilitar a ancoragem dos mesmos no espaço onde seriam projetados (*The New Yorker*, 2015). Para ampliar a sensação de profundidade foi feito no estúdio por meio do croma key a interação das imagens filmadas na locação em diversas camadas com as imagens fornecidas pelos militantes. A resultante deste trabalho foi editada e harmonizada com imagens do espaço onde ocorreria a projeção garantindo-se assim a sensação de tridimensionalidade e a integração entre o local, os integrantes da passeata, seus gritos, mensagens e palavras de ordem dentro da paisagem urbana.

Neste sentido cabe lembrar que um dos efeitos que mais se destaca nos hologramas é os efeitos de tridimensionalidade produzidos. Mas é importante considerar que os hologramas atuam nas relações de tempo e se imprimem no espaço de forma diferenciada das outras técnicas de produção de imagem. Kac cita Youndblood que nos diz que "o cinema é a arte de organizar um fluxo de eventos audiovisuais no tempo. É um evento fluxo [...] Há ao menos quatro mídias com as quais se pode fazer cinema – filme, vídeo, holografia e código digital" (Kac, 2009). Observando a questão por este paradigma nos damos conta que "na verdade, o tempo se manifesta na arte holográfica não só como fluxo de imagens mas também como simultaneidades suspensas e estruturas descontinuas" (Kac, 2009).

Percebemos, então, que neste processo a escolha pela técnica da holografia repousa na busca da verossimilhança. Esta opção faz com que os espectadores fiquem diante de uma reprodução do real de forma fantasmagórica que permite a visualização de corpos que não estão ali. Da figuração e da presença passa-se a uma transfiguração que se impõe pela tridimensionalidade ao mesmo tempo em que se integra no tempo e se afirma no espaço.

A passeata contou, para além do desfile dos manifestantes holografados com uma outra estrutura que permitia a transformação dos porta-vozes, jornalista e pessoas do público em imagem holográfica. Para este feito foi necessário projetar os hologramas em laminas de metacrilato posicionados a 45 graus que reproduziam em tempo real uma imagem opaca dos mesmos através do *streaming* [transmissão online]. O uso desta tecnologia se fez necessária para permitir a interatividade entre os jornalistas e os porta-vozes da plataforma *No somos delito* gerando os hologramas ao vivo.

Percebemos então que foram criados dois tipos de imagem holográfica. A passeata em frente ao congresso foi criada por meio de projeção de imagens pré-

produzidas sobre tela semitransparente, já os jornalistas e porta-vozes tiveram seus hologramas gerados em tempo real o que permitia a interação entre os hologramas através de perguntas e respostas projetadas nos suportes inclinados. Esta possibilidade de interação revela que o direito de expressão estava sendo coibido em termos físicos, mas viabilizados, no ato, através dos procedimentos de virtualização dos corpos.

Este procedimento que permite através da máquina esta transcodificação da visão, estabelece uma cinestesia entre sentidos humanos e as sensações tecnológicas. Verificamos que embate político se torna artístico através da transformação dos manifestantes em espectros através da mediação da máquina e a virtualização da carne e da voz de centenas de manifestantes impondo um aqui e agora na arte e na política. Além disso essa este feito transformou a cidade em um espaço conceitual onde todos integram a cena.

É relevante destacar que o encontro entre uma passeata política, intrinsicamente ligada a imediaticidade de sua ocorrência e sua transfiguração tecnológica é resultante das transformações possibilitadas pelo complexo desenvolvimento de uma sociedade da informação. A tecnologia holográfica, neste evento, abriu canais de realidade virtual que viabilizaram novas formas de interação com o público abrindo novos horizontes e reconceituando a própria noção de manifestação política na medida que atinge profundamente a noção de presença tão cara ao estatuto político.

> A palavra 'presença' não se refere (pelo menos, não principalmente) a uma relação temporal. Antes refere-se a uma relação espacial com o mundo e os objetos. Uma coisa presente" deve ser tangível por mãos humanas – o que implica, inversamente que pode ter impacto imediato em corpos humanos (Gumbrecht, 2010).

Neste ato os hologramas transformaram a cidade em um espaço conceitual e os espectadores em interlocutores. Nesta desmaterialização corpórea dos manifestantes reside a maior potência estética e política deste ato público. É pela ausência da fisicalidade, da intangibilidade dos militantes que a mensagem política se consubstanciou. A fantasmagorização do ato político revelou sua potência transformadora.

Consideramos muito significativa esta manifestação na medida em que através da transfiguração dos corpos se traduz de forma clara e explícita os princípios norteadores da lei mordaça que altera significativamente as liberdades democráticas na Espanha. Carlos Escaño, porta vozes do grupo afirmou que "nossa manifestação com hologramas

é uma ironia [...]. Com as restrições que estamos sofrendo em nossas liberdades de associação e reunião pacífica, teremos ao fim uma única maneira de nos manifestar que será através de nossos hologramas" (*El mundo*, 2015).

Apreende-se assim que para evocar de maneira pragmática e ao mesmo tempo lúdica os organizadores da manifestação optaram por produzir algo simbólico e de grande impacto visual. A manifestação transformada em experiência estética transformou também a cena urbana. O Congresso dos deputados se transformou em cenário, o ato político se transformou em performance e o espaço urbano se apresenta enquanto palco. Deste modo foram operadas transformações importantes no campo da experiência estética.

Durante bastante tempo foi defendida a ideia da autonomia da experiência estética, isto é, a noção de que esta se dá fora do cotidiano do espectador e nele não interfere. No entanto, experiências como esta são capazes de operar transformações importantes quando a isso. Na contemporaneidade temos um cotidiano cheio de experiências estéticas (Gumbrecht, 2015) e, em casos como o analisado isso se dá em dois níveis: primeiramente esta manifestação rompe com os paradigmas do que seja um ato político. Este evento foi capaz de desconstruir o modelo tradicional de organização e a própria ocorrência construindo novos parâmetros de mobilização política tanto em termos estéticos quanto em termos conceituais e técnicos. Deste modo, a expectativa do expetador também é transformada. Este passa a vive-la como experiência estética para além da experiência política.

O segundo nível no qual ela opera é por se impor por epifania. Assim ela permite ao espectador vivenciar a essência de tudo que pode estar no âmago das experiências vividas levando o público a novas experimentações. Assim, os efeitos estéticos invadem o cotidiano, impregnam e geram ou recuperam sensibilidades particulares.

Na medida que a Nova Lei de Segurança Cidadã prescreve a ausência de manifestações públicas, este ato fantasmagoriza a essência das passeatas transformando os corpos em imagem. É também da potência revelada destes corpos efêmeros, breves espectros, que o corpo maior da luta política ganha corpo. E pela fantasmagorização que se criou, neste ato, uma outra dimensão de presença.

Das ruas e seus signos, do público e de suas vozes transmuta-se o espaço urbano e se dá a emancipação "cada um de nós em espectador [...]. Todo espectador é já ator de sua história; todo ator, todo homem de ação, espectador da mesma história".

O PERCEVEJO ONLINE
ISSN 2176 -7017
PERIÓDICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS PPGAC/UNIRIO

(Ranciére, 2014). Assim, partindo do ciberespaço, das revoltas solitárias e coletivas fundiu-se a arquitetura urbana com a arquitetura digital e

> Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história –sua história-, numa manifestação de autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais (Castells, 2013, p.12).

Nesta experiência foi através da descorporificação que se buscou subverter a ordem pública. Deste modo, foi necessário virtualizar os corpos na tentativa de alterar o olhar e subverter a ordem política. A manifestação tornou visível aquilo que em breve se tornará invisível na Espanha e o espaço urbano como cenário das projeções ampliadas é transmutado assim como o ato de manifestar.

O poder político e econômico deseja esvaziar a voz dos cidadãos, mas a fragilidade dos mesmos e seus medos geraram auto transfigurações nas asas protetoras das redes sociais, mesmo que esta proteção abra as portas da intimidade do homem comum e despolitizado para as agências de inteligência internacional constituindo um acervo informacional que nenhum sistema totalitário no mundo foi capaz de criar.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política** Obras Escolhidas. 8ª ed. Vol. 1., São Paulo: Brasiliense, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GUMBRECHT, Hans U. **Produção de presença**. O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

GUMBRECHT, Hans U. **Nosso presente amplo**. O tempo e a cultura contemporânea. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 2015.

KAC, Eduardo. Além do paradigma espacial: tempo e forma cinemática na arte holográfica. In: MACIEL, Katia (org.). **Transcinemas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

MACIEL, Katia (org.). **Transcinemas.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo**. São Paulo: Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

YOUNGBLOOD, Gene. Cinema and code apud KAC, Eduardo. Além do paradigma espacial: tempo e forma cinemática na arte holográfica. In: MACIEL, Katia (org.). **Transcinemas.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

O PERCEVEJO ONLINE
ISSN 2176 -7017
PERIÓDICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS PPGAC/UNIRIO

Sites:

Http://www.elmundo.es/economia/2015/04/10/5526c59ae2704e5c498b456d

Http://www.nosomosdelito.net/article/2015/04/01/una-manifestacion-de-hologramas-el-colemo-de-las-leyesmordaza

Http://www.garlic.tv/es/hologramas-por-la-libertad-del-director=esteban-crespo-para-ddb-y-nosomosdelito

Http://www.newyorker.com/news-desk/protest-by-holograms